

A DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E O PAPEL DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO EMPODERAMENTO FEMININO

Vanuza Aparecida Santos Wistuba¹
José Simão de Paula Pinto²

RESUMO: A tecnologia digital tem desempenhado um papel fundamental na democratização da informação e no acesso ao conhecimento. O presente estudo tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre a relação entre as tecnologias de informação e comunicação (TICs) e o empoderamento feminino, especialmente no contexto de mulheres em situação de vulnerabilidade social. O artigo analisa como essas tecnologias podem atuar como ferramentas para a inclusão digital, educação, autonomia econômica e participação social, ao mesmo tempo em que se discute os desafios impostos pela disseminação de desinformação e conteúdos ideológicos. A revisão aborda estudos que discutem a gestão da informação, a influência das redes sociais e os impactos das TICs na construção do conhecimento e no fortalecimento da cidadania feminina.

Palavras-chave: Tecnologias da Informação. Empoderamento Feminino. Democratização da Informação. Inclusão Digital.

1. INTRODUÇÃO

A revolução digital transformou significativamente a forma como a informação é produzida, disseminada e consumida. As tecnologias da informação e comunicação (TICs) têm sido fundamentais para a construção de um novo cenário social, no qual o acesso à informação se tornou mais rápido, dinâmico e interativo.

No entanto, apesar dos avanços tecnológicos, a inclusão digital ainda não é uma realidade para todos, especialmente para grupos em situação de vulnerabilidade, como mulheres de baixa renda.

Também para Grinspun:

O que vemos é que esta evolução vai formando uma cultura onde a tecnologia se torna imprescindível. A técnica é fria e objetiva; a cultura que se vale da técnica e da tecnologia é que levanta a questão do sentido da vida e da busca dos valores que deseja privilegiar (GRINSPUN, 2009, p. 78).

¹Doutoranda em Gestão da Informação pela UFPR, mestre em Estudos de Linguagens e Tecnologia e jornalista.

²Doutor em informática aplicada, professor titular na UFPR atuando com tecnologia da informação.

Para essas mulheres, o acesso às TICs pode representar não apenas uma ferramenta de comunicação, mas também uma oportunidade para o desenvolvimento pessoal, profissional e social.

Diante desse contexto, é essencial compreender como as TICs podem contribuir para o empoderamento feminino, promovendo a inclusão digital e ampliando as oportunidades de aprendizagem e autonomia econômica. Entretanto, essa democratização do acesso à informação também apresenta desafios, como o risco da desinformação, o aprofundamento de desigualdades sociais e a exclusão digital de determinados grupos que não possuem acesso adequado à internet e aos dispositivos tecnológicos.

Este artigo tem como objetivo analisar, por meio de uma revisão bibliográfica, os impactos das TICs no empoderamento feminino. Para isso, busca-se explorar de que maneira essas tecnologias podem contribuir para reduzir barreiras ao acesso à informação, fortalecer redes de apoio e proporcionar maior participação das mulheres na economia digital. Além disso, pretende-se investigar os desafios que ainda persistem e apontar possíveis estratégias para garantir um uso mais inclusivo e equitativo dessas ferramentas tecnológicas.

2 O CONTEXTO E OS CONCEITOS

A desigualdade de acesso à informação e à tecnologia pode ser um grande obstáculo para o empoderamento feminino, especialmente para mulheres em situação de vulnerabilidade social.

A proliferação das plataformas e formas digitais, inclusive junto ao público-alvo abrangido, deve ser levada em consideração como um dos pontos principais na avaliação do resultado. Afinal, segundo Santaella:

Os sistemas tecnológicos complexos de comunicação e informação certamente passaram a exercer um papel estruturante na organização da sociedade e da nova ordem mundial. Daí a sociedade ser definida em termos de comunicação que é definida em termos de redes. (SANTAELLA, 2001, p. 3)

Embora as TICs possam oferecer ferramentas para educação, autonomia financeira e participação política, há desafios significativos relacionados à exclusão digital e à disseminação de desinformação que podem prejudicar esse processo.

Sabe-se que as tecnologias digitais desempenham um papel fundamental na transformação social, promovendo o acesso à informação, à educação e à autonomia econômica. No entanto, apesar do seu potencial inclusivo, ainda existem desafios que limitam a sua

efetividade, especialmente para grupos em situação de vulnerabilidade, como as mulheres de baixa renda. A exclusão digital, a desinformação e a desigualdade no acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) representam barreiras significativas para que essas mulheres possam se beneficiar plenamente das oportunidades proporcionadas pelo ambiente digital.

Para Santaella:

É por essa razão que a era digital vem sendo também chamada de cultura do acesso, uma formação cultural está nos colocando não só no seio de uma revolução técnica, mas também de uma sublevação cultural cuja propensão é se alastrar tendo em vista que a tecnologia dos computadores tende a ficar cada vez mais barata. (SANTAELLA, 2003, p. 28)

Diante desse cenário, este estudo busca analisar, por meio de uma revisão bibliográfica, o papel das tecnologias digitais no empoderamento feminino. O objetivo central é compreender como essas ferramentas podem ser utilizadas para promover a inclusão digital, ampliar o acesso ao conhecimento e contribuir para o fortalecimento da autonomia das mulheres em diferentes esferas da vida.

Primeiramente, investigou-se de que maneira as TICs específicas para a democratização da informação e para a inclusão digital de mulheres em situação de vulnerabilidade social. Em seguida, examina-se o impacto das redes sociais e de outras plataformas digitais no processo de empoderamento feminino, explorando seus benefícios e desafios. Além disso, discute-se os obstáculos pela disseminação de desinformação e pela exclusão digital, que podem comprometer o acesso equitativo a esses recursos. Por fim, busca-se identificar estratégias e iniciativas que possam fortalecer o acesso das mulheres à tecnologia, garantindo que essas ferramentas sejam utilizadas de forma eficaz para promover maior inclusão e equidade.

A presente pesquisa se justifica pela necessidade crescente de compreender os impactos das tecnologias digitais na comunicação e no acesso à informação, sobretudo em um contexto de desigualdade social e digital. A velocidade com que os conteúdos são disseminados e a pluralidade de vozes presentes nos meios digitais reforçam a importância de estudar como esses mecanismos podem ser utilizados de maneira inclusiva e responsável.

Diante da influência das novas mídias e do potencial de alcance das redes sociais, é essencial analisar a forma como essas tecnologias impactam a formação da opinião pública, o compartilhamento de conhecimento e o empoderamento social. A democratização do acesso à informação através das plataformas digitais pode ser um instrumento valioso para diminuir as

barreiras impostas pelo modelo tradicional de comunicação, ao mesmo tempo que levanta questões éticas e políticas sobre a responsabilidade na difusão de conteúdo.

Além disso, a pesquisa busca contribuir para a compreensão dos desafios e das potencialidades da comunicação digital, considerando a diversidade de públicos e as formas de interação proporcionadas pelas novas tecnologias. Ao entender esses processos, é possível propor estratégias para tornar a comunicação digital mais acessível, eficaz e democrática, ampliando o impacto positivo das novas tecnologias na sociedade contemporânea.

Ao abordar esses aspectos, a pesquisa pretende contribuir para o entendimento das TICs como um instrumento de transformação social, destacando tanto suas potencialidades quanto às barreiras que ainda precisam ser superadas para garantir uma participação digital mais justa e acessível para todas as mulheres.

2 A DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E O PAPEL DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO EMPODERAMENTO FEMININO

As tecnologias da informação trouxeram a tendência de receber, compartilhar e indicar conteúdos de forma quase instantânea, estimulando a criação de redes virtuais de produção e divulgação de conteúdos segmentados e direcionados para um público específico. Segundo Berman (2007), se olharmos o mundo, “veremos a imensa comunidade de pessoas em todo o mundo que enfrentaram dilemas semelhantes aos nossos”.

153

Essas alterações nas formas, formatos e meios da comunicação fazem parte da sociedade contemporânea, em que o individualismo, a urgência e a efemeridade influenciam as relações e a atuação na comunicação. Bauman (2001) traduz esse fenômeno como “modernidade líquida”, caracterizada pela fluidez e mutabilidade das interações sociais e tecnológicas.

Para Cezar e Sauden (2017), essa fluidez é o estopim de mudanças:

Essa fluidez, característica da modernidade líquida, ao contrário dos sólidos, que para alterar sua estrutura é necessário passarem por profundas transformações, tem capacidade de se alterar e se organizar a partir das mudanças culturais, gerando com isso mudanças em todos os aspectos da vida. (CEZAR; SAUDEN, 2017, p. 20)

As novas tecnologias da informação estão modificando e redefinindo as formas, relações e espaços de atuação em diversas áreas. Para empresas, instituições sociais e indivíduos, a presença digital se tornou essencial para sua relevância e influência na sociedade contemporânea. As novas mídias evoluíram a ponto de serem, para muitos, a principal fonte de acesso ao conhecimento e à informação. Redes sociais, aplicativos e conteúdos digitais são os instrumentos que moldam a comunicação atual.

Nesse contexto, o conceito de "pós-humano", de Santaella (2007), reflete sobre a evolução tecnológica e seus impactos na sociedade:

De fato, se continuarmos a alimentar a separação do corpo e da mente, da mente e do cérebro, se continuarmos a alimentar a dissociação entre esses últimos e as tecnologias, as reflexões sobre o pós-humanismo só poderão ficar atravancadas em estreitos pontos de vista parciais. (SANTAELLA, 2007, P.135)

A interatividade proporcionada pelas tecnologias digitais possibilitou que cada pessoa se tornasse um ator na disseminação de causas e agente de informação. Para Castells (2013), a constituição de redes ocorre pelo ato da comunicação, sendo a principal fonte de produção social de significado. A era digital amplia o alcance da comunicação para todos os aspectos da vida social, criando redes globais e locais em constante transformação.

Esses conteúdos, originados pela imprensa comum, pelos produtores de conteúdo, pela comunicação popular e por tantos outros meios, veículos e pessoas, têm caminho reduzido para chegar a um grande número de pessoas, em tempos de mídias sociais e conteúdos online recebidos quase que instantaneamente:

Dessa reflexão, pode-se chegar aos meios de comunicação digital, que se constituem com o fortalecimento da possibilidade de os indivíduos emitirem suas mensagens de forma global, e mais independente, do que era feita por outros meios anteriores. Indivíduos que trocam informações globais, que se aproximam de outros grupos de interesse, acabam por criar novas comunidades, novas tribos. Conforme essas trocas continuarem, e se ampliarem, é possível chegar ao humano global, às culturas misturadas, híbridas e, também, globais: ou seja, a aldeia global. A globalização das culturas é apoiada pelos meios de comunicação elétricos, de massa e digitais. (DUGNANI, 2018, p. 8)

Mesmo já tendo sido ampliado e bastante modificado no pós-pandemia, ainda é correto afirmar, como aponta Marcuschi (2010), que “o acesso digital ainda não é universal”. No Brasil, muitas pessoas ainda estão à margem da sociedade da informação devido às desigualdades sociais e à falta de letramento digital. Assim, enquanto a internet pode ser um espaço para empoderamento, também pode reforçar barreiras de acesso à informação. Wilson Gomes (2018) reforça essa contradição ao afirmar que "a democracia é uma tarefa" e que a tecnologia pode ser usada tanto para promovê-la quanto para degradá-la.

A democratização da informação está diretamente ligada à acessibilidade e ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Castells (2003) destaca que a sociedade em rede se caracteriza pela interconexão digital e pela disseminação descentralizada de informação. No entanto, a exclusão digital ainda impede o acesso de muitas pessoas, limitando seu potencial de participação social e econômica.

O empoderamento feminino está diretamente ligado à capacidade das mulheres de acessar e utilizar as tecnologias digitais para educação, trabalho e participação política. Também é um processo que envolve a ampliação de oportunidades para que as mulheres tenham controle sobre suas próprias vidas, participem ativamente da sociedade e adquiram autonomia econômica.

O termo empoderamento se refere a um conjunto de ações, atividades e posicionamentos individuais e coletivos que têm como denominador comum o questionamento das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. (BATLIWALA, 1994, apud SARDENBERG, 2006).

No artigo "Estudo sobre o empoderamento feminino através de comunidades de tecnologia", Peres e Gomes (2020) destacam que "as mulheres estão inseridas na história das linguagens de programação desde antes do surgimento do primeiro computador". Além disso, os autores apontam que a participação ativa em comunidades tecnológicas pode servir como um indicador de empoderamento feminino, incentivando mais mulheres a ingressarem na área de tecnologia.

O empoderamento começa quando pessoas e grupos, que enfrentam barreiras por causa de sua classe social, etnia ou gênero, entendem como forças que os oprimem e tomam atitudes para mudar essa realidade. (Sardenberg, 2006).

Segundo Sen (1999), o desenvolvimento está relacionado à expansão das liberdades individuais. A ONU (2015) destaca a tecnologia como uma ferramenta essencial para a igualdade de gênero. Iniciativas de capacitação digital têm mostrado impacto positivo na geração de renda e autonomia feminina (Huyer, 2016).

A inclusão digital é um fator chave nesse processo de empoderamento feminino. A Organização das Nações Unidas (ONU, 2015) reconhece a tecnologia como uma ferramenta essencial para a promoção da igualdade de gênero. Iniciativas que buscam capacitar mulheres no uso das TICs têm demonstrado impacto positivo na geração de renda, educação e participação política feminina (Huyer, 2016).

Apesar dos benefícios das TICs, a desinformação e a exclusão digital são desafios significativos. Wardle e Derakhshan (2017) alertam que a propagação de *fake news* pode reforçar desigualdades estruturais. Mulheres em situação de vulnerabilidade podem ser mais suscetíveis

a essas informações devido às barreiras educacionais e ao acesso restrito a fontes confiáveis. Programas de letramento midiático e digital são essenciais para garantir um uso crítico e seguro das plataformas (Livingstone, 2019).

Por fim, é fundamental que as iniciativas de democratização digital considerem as desigualdades estruturais e busquem soluções inclusivas. O acesso à tecnologia precisa ser acompanhado por políticas públicas que garantam a acessibilidade e o letramento digital para todos. Somente assim a tecnologia poderá cumprir seu papel transformador na sociedade, promovendo a inclusão e o empoderamento feminino de maneira equitativa e sustentável.

Afinal, conforme afirma Wilson Gomes, (2018), a “democracia é uma tarefa. Tudo o que pode ser usado para sustentá-la, promovê-la, também pode ser empregado para corrompê-la, burlá-la, ou degradá-la”. Segundo ele, essa questão é ainda mais evidente quando se trata de algo intangível como a comunicação, mais evidente ainda a digital.

3. CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada, fica evidente que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) possuem um papel fundamental no empoderamento feminino, especialmente para mulheres em situação de vulnerabilidade social. O acesso à informação e às plataformas digitais permite que essas mulheres desenvolvam habilidades, fortaleçam suas redes de apoio e ampliem suas oportunidades econômicas e educacionais. No entanto, a exclusão digital ainda representa uma barreira significativa para que todas possam usufruir desses benefícios de maneira igualitária.

A falta de infraestrutura, os altos custos de acesso à internet e a carência de capacitação são fatores que dificultam a plena inserção das mulheres de baixa renda no ambiente digital. Ademais, a disseminação de desinformação e a presença de discursos discriminatórios nos meios digitais também são desafios que precisam ser enfrentados para garantir um uso seguro e produtivo das TICs.

Diante desse cenário, é essencial que iniciativas de letramento digital e midiático sejam implementadas para garantir que as usuárias das tecnologias possam utilizá-las de maneira crítica e autônoma. A capacitação para o uso consciente das redes sociais, a promoção de espaços digitais seguros e o incentivo a projetos que ampliem o acesso à tecnologia são estratégias fundamentais para impulsionar a inclusão digital das mulheres. Somente com medidas

estruturais e educacionais será possível transformar a internet em um instrumento efetivo de empoderamento feminino.

Por fim, a tecnologia tem o potencial de atuar como um elemento democratizador e transformador na sociedade, mas seu impacto dependerá das condições de acesso e do modo como é utilizada. A inclusão digital das mulheres não deve ser vista apenas como um desafio, mas como uma oportunidade de construção de um futuro mais equitativo e justo. Para que isso se concretize, é necessário um esforço conjunto entre governos, sociedade civil e setor privado, garantindo que as TICs sejam, de fato, um meio de emancipação e progresso social para todas as mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: uma aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, negócios e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CEZAR, Cristiane; SUAUDEN, Pedro. *Sociedade da Informação e Cultura Digital*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

DUGNANI, Adriana. *A aldeia global e as novas tecnologias da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2018.

GOMES, Wilson. *Democracia digital, comunicação de massa e controle social*. São Paulo: Editora Sulina, 2018.

HUYER, Sophia. *Gênero e TICs: Integração de gênero no uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs) para agricultura e desenvolvimento rural*. FAO, 2016.

LIVINGSTONE, Sonia. *Literacia midiática: O papel do pensamento crítico na aprendizagem e no desenvolvimento*. Londres: Routledge, 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais e letras digitais: perspectivas para a educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos*. Petrópolis: Vozes, 2007.

PERES, Sandyara BD; GOMES, Eduardo H. *Estudo sobre o empoderamento feminino através de comunidades de tecnologia*. In: MULHERES NA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO (WIT), 2020. Anais [...]. Sociedade Brasileira de Computação (SBC), 2020. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/wit/article/view/11298> . Acesso em: [dados de acesso].

SARDENBERG, C. M. *Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. *Cibercultura e Pós-Humanismo* . São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação e pesquisa científica: da epistemologia à midialogia* . São Paulo: Hacker Editores, 2003.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade* . São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ONU – Organização das Nações Unidas. *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável* . Disponível em: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/> . Acesso em: 2025.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. *Desordem informacional: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas*. Estrasburgo: Conselho da Europa, 2017.